

FOLHA DE SÃO PAULO

ANC 88
Pasta Jun/85
135/1985

27 JUN 1985

Alguma coisa está errada

O projeto de convocação da Assembleia Nacional Constituinte tem, entre suas virtudes, a de ser inequivocamente breve e inquestionavelmente despreconceituoso, pois permite até que, num ato de rebeldia contra as tradições republicanas (a República aliás não tratou melhor os brasileiros do que o haviam feito o Império, o Reinado e o rei João 6.º) os futuros constituintes resolvam, por exemplo, fazer deste país uma monarquia constitucional. Mas comete o grave erro de determinar, de antemão, que a Constituinte será bicameral, pois os eleitos em 86 com a função de escrever para nós todos a nova Carta, já se vêem previamente destinados à Câmara e ao Senado. Isso foi para conciliar os interesses dos senadores já eleitos, com mandatos que se estendem para além de 86, com o ímpeto constitucionalista que, apesar de muito falado e ainda mais comentado, ainda não chegou a empolgar sequer cinco por cento do nosso povo. E em cuja grande maioria, aliás, não sabe sequer o significado da palavra Constituinte e não sabe que existe uma Constituição, que dirá saber para que ela serve.

Outro dia, numa conversa com o líder da maioria na Câmara dos Deputados, Pimenta da Veiga, tivemos que fazer um reparo — certamente ameno e educado, para corresponder à natureza afável e compassiva do nosso interlocutor — às menções que ele fazia ao que

~~FOLHA DE SÃO PAULO~~
São Paulo
27 JUN 1985
se convencionou chamar avanço democrático. Desde que o presidente José Sarney assumiu, sem dúvida com relutância, o cargo que ocupa, o governo deu realmente alguns grandes passos em direção do que se concebe ser a democracia (como se pretende aliás ter um regime democrático numa sociedade tão desigual como esta é um mistério para este escrevinhador, mas vá lá). Demos realmente longuíssimos passos, que dispensam enumeração.

Mas o povo brasileiro, que por alguns momentos deu a impressão de interessar-se pela questão formal, está de tal forma amarrado e preso à luta pela sobrevivência que não está ligando para isso. Está preocupado e ocupado com o pagamento da casa própria (como um país de pobres pode pretender ser um país de pequenos proprietários também é outro mistério), com o preço dos transportes, com a falta de dinheiro, com o salário etc. O esforço democrático se perde na retórica democratizante. Quando todos querem ouvir falar em preços e salários, poder aquisitivo e chances de sobrevivência, lhes damos verborragia jurisdicista e institucional. Alguma coisa aí está errada.

Cláudio Abramo